



Relato de experiência 1: Professora Janete Aparecida Guidi

Escola Municipal Machado de Assis

Sarandi/PR

3º ano

A maioria dos meus alunos são filhos de pessoas desempregadas que fazem algum serviço temporário, quando aparece. O desemprego é maior entre os homens, pois as mulheres trabalham como empregadas, mas a maioria não recebe o salário mínimo pelo mês de trabalho. A falta de ocupação faz com que os pais deixem a cidade e busquem trabalho em outros municípios e com isso tenho a metade dos alunos que não moram com nenhum de seus genitores. Eles moram e são educados pelos avós, tios, padrinhos ou outras pessoas. Em minha turma eu tenho um aluno com transtornos globais de desenvolvimento, que está em fase de alfabetização. Tenho também duas crianças que foram encaminhadas pelo conselho tutelar, pois eram moradoras de rua. Tive ainda neste ano, uma criança que era do circo.

Vou contar a experiência que tivemos com o uso da receita culinária. A ideia surgiu no dia em que foi servido sanduíche no horário da merenda. Comecei a perguntar se eles sabiam de que era feito o pão. Solicitei que perguntassem à família os ingredientes necessários para fazer o pão e trouxessem uma receita.

No dia seguinte, a maioria dos alunos trouxe receita de pão ou de bolo. Verificamos que o ingrediente comum a todas as receitas era a farinha de trigo. Iniciamos a intervenção perguntando se conheciam a farinha, sua cor, textura e se sabiam como ela chegava às casas. A resposta foi que era de um supermercado. O aluno com TEA disse: “mas antes dos mercados ela está nos pés de trigo”. Ao perguntar como é o “pé de trigo”, um dos alunos respondeu que era como o desenho que tinha na igreja. Outro nos perguntou por que o “trigo ficava na igreja”. Explicamos que o trigo é o símbolo do corpo e do alimento. Perguntei se sabiam como era o processo que vai do plantio do trigo à transformação em farinha. Obtivemos como resposta: “precisa plantar, colher e entregar na cooperativa”. O aluno que respondeu assim mora na zona rural, onde os pais são empregados. Expliquei aos alunos que, para plantar, a terra deve ser preparada e cuidada. Falei que cada cultura tem seu período de plantio e colheita. Quando apresentei um vídeo sobre a colheita do trigo, a criança circense falou que a



colheita nem sempre era feita com máquinas, que podia ser feita com animais e que o transporte não era feito com caminhão. Fizemos pesquisas, em pequenos grupos, das diferentes formas de trabalho no campo. Expliquei, também, o processo de industrialização e do comércio até a farinha chegar às casas. O aluno com TEA concluiu: “[...] às vezes vai primeiro para o atacadista e depois para o mercado e depois vai pra casa da gente, pra padaria e pra 61 criança no ciclo de alfabetização de todos os lugares”. Lembramos que nesse processo de transformação muitas pessoas trabalham e discutimos várias ocupações profissionais. Após esse estudo, que foi efetivado durante duas semanas, copiamos as receitas e as executamos na cozinha da escola. Para fazer os pães tivemos que dobrar a receita, uma vez que tínhamos 22 alunos. Fizemos isso com os alunos e registramos no caderno. Separados os ingredientes, solicitei que lessem nas embalagens o nome do produto, o local de fabricação, a data de validade, o peso, o valor nutritivo.

Solicitamos que vissem o formato das embalagens e as cores que compunham as embalagens. No momento de fazer a receita, os alunos mediram, amassaram, modelaram e assaram seus pãezinhos. Posteriormente, solicitei aos alunos que fizessem levantamento de preços dos ingredientes nos mercados próximos a casa ou em panfletos de mercado. Verifiquei a quantia gasta para fazer os pães e o quanto gastaríamos se tivéssemos feito outras receitas. Para encerrar a atividade, elaboramos um texto coletivo, no qual os alunos revelaram o conhecimento de que se tinham apropriado e o prazer em trabalhar com a atividade.

Referência: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Caderno de educação especial: a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 48 p.



Relato de experiência 2: Professora Ivanise Cristina da Silva Calazans

**Escola Municipal Nova Santana
Camaragibe/PE.**

“Leciono numa turma de 2º Ano, tendo um estudante com paralisia cerebral, com impedimentos na escrita, fala (porém, com expressão oral compreensível pelo interlocutor) e locomoção. Tais impedimentos de ordem motora não interferem na sua interação com os demais colegas e comigo”. No momento da escrita, por exemplo, a estagiária transcreve sua fala.

“Os jogos fazem parte da rotina da minha sala, vejo como mais um aliado favorecendo a aprendizagem. Costumo organizar minha turma em quarteto, colocando sempre 1 ou 2 estudantes com mais dificuldades, junto com os que estão no desenvolvimento compatível com o planejado. Estou desenvolvendo um projeto didático pedagógico – Camaragibe: minha história, meu bairro, minha cidade – e para melhor assimilar os conteúdos utilizo um dominó da cidade de Camaragibe, composto de 28 peças, uma parte da peça tem a foto de um ponto da cidade e a outra o nome desse ponto. Há também o jogo da memória, usando os mesmos pontos. Este jogo dá mais autonomia para quem não lê, que é o caso da criança com paralisia cerebral, possibilitando a leitura de imagens. Como foi realizada uma aula passeio mostrando esses pontos, essa atividade flui naturalmente de forma que ela participa da mesma forma que as demais. Esse jogo está sendo um grande aliado para o projeto e foi um grande atrativo na 1ª feira de conhecimento.

Também fiz uso do jogo bingo letra inicial (material distribuído pelo MEC), como complemento, pois os seus objetivos atendem as crianças neste nível de aprendizagem.

Referência: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Caderno de educação especial: a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 48 p.



Relato de experiência 3: Professora Katia Barros

Recife/PE

O presente relato faz parte da prática pedagógica da professora Katia Barros da rede regular de ensino do município do Recife. A professora tem em sua sala de aula do 1º ano uma aluna (Bianca) com síndrome de Down, com 7 anos de idade, e cinco anos de escolaridade na rede privada.

“No início do ano letivo de 2012, Bianca ingressou no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal do Recife. Era um desafio profissional, com a concepção de que é possível alfabetizar a todos, mesmo aqueles que apresentam dificuldades de comunicação e deficiência intelectual.”

As bases teóricas nos dão o alicerce para estruturar uma prática pedagógica coerente, mas só o fazer reflexivo pode conduzir a resultados satisfatórios. Saber que pessoas com síndrome de Down têm uma boa memória visual e que trabalhar concretamente, através de vivências significativas importantes para a aprendizagem, direciona o professor para uma organização diferenciada de suas aulas.

No trabalho com Bianca foi necessário que, no dia a dia, a turma fosse conhecendo seu jeito, suas dificuldades e suas conquistas. As crianças começaram a conversar entre si sobre o assunto de forma aberta e singular, trazendo à tona informações que construíram através dos meios de comunicação e de diálogo com seus pais. Nestes momentos sempre procurei trazer o conhecimento e tratar o assunto de forma clara. Aproveitei a oportunidade para contar histórias infantis de pessoas com síndrome de Down, como: “O pequeno rei Artur” e “Dança Down”. Eles identificaram semelhanças físicas e comportamentais entre Bianca e os personagens dos livros e reconheceram limites e potencialidades.

Para que o processo de alfabetização acontecesse foi levada em consideração a necessidade de trabalhar de forma concreta, com recursos visuais e significativos, num trabalho planejado e sistemático, em que os conteúdos abordados em sala de aula fossem ressignificados no AEE. Os recursos visuais utilizados em sala de aula passaram a compor o ambiente alfabetizador exposto e permanente. Na sala de aula todos se beneficiaram dos recursos visuais e das estratégias usadas para a alfabetização, tais como: listas de animais ilustradas, histórias infantis contadas e



dramatizadas, em que os nomes de seus personagens são estudados como palavras chaves com sílabas geradoras de outras. Escritos no quadro, os nomes dos personagens são comparados quanto ao tamanho e número de letras.

Uso recursos de baixo custo como figuras de revistas, cartilhas, livros, folhas de papel ofício, papel guache, tesoura e cola, como também imagens tiradas do Boardmaker, software distribuído pelo MEC para as escolas públicas. Atualmente, Bianca acompanha as rotinas diárias de trabalho, lendo as palavras geradoras e outras constituídas das sílabas mais trabalhadas, participa de todos os momentos da aula.

Referência: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Caderno de educação especial: a alfabetização de crianças com deficiência: uma proposta inclusiva/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012. 48 p.



Relato de experiência 4: Professora Severina Erika Morais Silva Guerra
Escola Municipal Monteiro Lobato.
Recife/PE

Minha turma era composta por 18 alunos, dos quais 12 são meninos e 6 meninas. Os alunos apresentavam hipóteses de escrita bastante variadas, sendo nove alunos alfabéticos, três alfabéticos iniciais, dois silábico-alfabéticos, dois silábicos de quantidade, um silábico e dois pré-silábicos. Para essa sequência, escolhemos conhecer “O balé Majê Molê”, por se tratar de uma atuação baseada na cultura de matriz africana e por sua sede fica localizada no Centro Cultural Nascedouro. A ideia foi promover na escola uma discussão sobre cultura afro, a partir da identidade local. A sequência didática foi desenvolvida em cinco aulas e culminou com a visita dos alunos ao ensaio do Balé Majê Molê e com uma entrevista a um dos seus integrantes. O objetivo era que os alunos conhecessem melhor o Balé e também pudessem satisfazer a curiosidade em relação à dança afro. Como no bairro de Peixinhos existem muitas manifestações culturais e artísticas, escolhemos esse grupo porque alguns estudantes participam dos ensaios aos sábados.

Para iniciar a sequência, comecei perguntando aos alunos: “Vocês conhecem algum grupo de dança? Participavam de algum grupo de dança no bairro? Quais são os ritmos? Quem geralmente participa dos grupos? Onde se reúnem?”

A maioria dos alunos respondeu que conhecia um grupo de dança chamado Majê Molê, e uma das alunas relatou que já havia feito parte da escolinha desse Balé... A partir dessa conversa, informei à turma que iríamos estudar um pouco sobre as tradições culturais do bairro.

Após esse momento, com o intuito de trabalhar a influência das diferentes raças para a formação do povo brasileiro, realizei a leitura do livro “Por que somos de cores diferentes” (Texto de Carmem Gil, com ilustrações de Luis Filella. São Paulo: Editora Girafinha, 2006)...Durante a leitura, fui chamando a atenção dos alunos para os personagens que estavam aparecendo na história, como o nome, a cor, o país de origem. Ainda nessa atividade, na página 13 do livro, quando um dos personagens pede para que os participantes da excursão respondam a pergunta “Por que somos



de cores diferentes?”, solicitei aos alunos que respondessem a esta pergunta antes de ouvirem a história.

Após a leitura, questionei os alunos sobre as raças que apareciam na história. Os alunos responderam: “branca, amarela, preta e vermelha.” Perguntei: “Como seria o nosso país se fôssemos todos da mesma cor?”... Os alunos foram chamados para se olharem no espelho e analisarem as suas características para, em seguida, produzirem seu autorretrato... os discentes apresentaram suas produções e as colaram no mural da sala. Conversei com os alunos no intuito de fortalecer os valores de respeito recíproco entre as pessoas. Também instiguei os alunos a pesquisarem em casa fotos de familiares para identificar as semelhanças e diferenças entre os seus traços físicos e os traços característicos de sua família.

Dando continuidade à sequência, realizei a leitura de um pequeno texto retirado da internet que tratava sobre a influência africana nos ritmos “samba, maracatu, ijexá, coco, jongo, lambada, maxixe, maculelê”. Após a leitura, apresentei um PowerPoint com os ritmos, suas principais características, sua origem e relação com a cultura; em seguida, coloquei algumas músicas para que os alunos tentassem descobrir de que ritmo se tratava.

No quarto momento da sequência, resgatei os conhecimentos prévios dos alunos sobre o significado das palavras “cultura”, “afro” e “cultura afro”. Em seguida, perguntei à turma: “O que vocês entendem sobre o que é cultura?”...Comecei explicando para as crianças que cultura tinha a ver com os conhecimentos, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em sociedade... Continuei indagando os alunos se tinham conhecimento sobre a importância da cultura afro para os brasileiros e em que locais ou atividades a cultura afro influenciou e ainda influencia os brasileiros. Os alunos lembraram das músicas que havíamos trabalhado e os conteúdos abordados na aula anterior.

Nesse mesmo dia, fiz um trabalho voltado para a apropriação do sistema de escrita alfabética. Retomei os ritmos trabalhados em sala e fui listando cada um, junto com os alunos; em seguida, fui escrevendo, ao lado de cada palavra, a quantidade de sílabas, letras, vogais e quantas e quais consoantes estavam presentes em cada



palavra. Comparei ainda as palavras iniciadas com a mesma sílaba. Depois, comecei a brincadeira de adivinhação das palavras dos ritmos trabalhados.

Na etapa seguinte da sequência, apresentei um pouco da história da dança afro para as crianças, realizei a leitura de um pequeno texto informativo... Depois, contei aos alunos a história do Balé Majê Molê, a partir do livro “Peixinhos, um rio por onde navegam um povo e suas histórias”, escrito por Zuleide de Paula (Paula, 2009). Antes de realizar a leitura, solicitei que os alunos comparassem as informações sobre a origem do Balé e ficassem atentos para registrar nos cadernos informações que considerassem importantes.

Para finalizar esse momento, conversei com a turma sobre as informações apresentadas no texto, fiz uma exposição de fotos dos fundadores do Balé, de algumas apresentações do grupo, dos ensaios e de alguns vídeos de apresentações do grupo que estavam disponíveis na internet...

No outro dia, começamos a aula ressaltando a necessidade de elaborar uma entrevista, com o objetivo de conhecer mais um pouco sobre o Balé.... Conversei com a turma sobre a importância do grupo para o bairro e de valorizarmos a dança em nossas vidas. Logo após, começamos a pensar nas perguntas que seriam feitas a um dos fundadores do Balé.... Fizemos algumas reflexões acerca das perguntas elaboradas pelas crianças e, a partir dessa discussão, revisamos e reelaboramos as perguntas. Avaliamos também se os questionamentos tinham ficado claros e objetivos e se tinham relação com o que tínhamos abordado nas aulas anteriores

No outro dia, visitamos o local onde os ensaios são realizados. Ressalto que a sede do Balé fica bem perto da escola, o Nascedouro de Peixinhos. Assistimos a um ensaio das alunas e, em seguida, entrevistamos uma das integrantes, que também é estagiária na escola onde os alunos estudam... Ao retornarmos para a escola, realizei a leitura da entrevista com as respostas para os alunos, escrevi coletivamente as respostas no quadro e fui reformulando de acordo com as anotações das crianças. Ressaltei a importância da existência do Balé para o bairro, pois, além de realizar um trabalho cultural, tem uma preocupação com formação educacional das integrantes do grupo, que precisam frequentar a escola para poder realizar as apresentações que, algumas vezes, acontecem até fora do país.



Com essa sequência, percebi que tenho que conhecer outras manifestações do bairro e aprofundar o tema na escola. O interessante é que, ao mesmo tempo em que eu estava propondo as atividades, estava também me formando, pois tive que pesquisar e me informar sobre cultura, cultura afro-brasileira, questões étnicoraciais etc. Destaco que o trabalho não foi fácil, por se tratar de um tema novo para mim, mas foi muito gratificante ver o retorno dos alunos e o reconhecimento das práticas culturais e sociais do bairro.

OBS: Texto formatado pela equipe de formação da EFER Paulo Freire.

Referência: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade: as diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica e o ciclo de alfabetização. Caderno 01/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. 104 p.